

Sayad vai à Câmara justificar novos empréstimos

Brasília — O Brasil deve ou não pedir novos empréstimos aos bancos internacionais (**dinheiro novo**), já em 1986, para fechar o balanço de pagamentos? A questão divide a equipe econômica do governo que a partir desta semana movimentar-se em duas direções diferentes. O Ministro do Planejamento, João Sayad, notório professor da necessidade de dinheiro, vai à Câmara dos Deputados na quarta-feira para expor suas "Projeções para o setor externo da economia brasileira de 1986 a 1989" com três alternativas: pessimista, realista e otimista. Fora daqui, o Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, terá seu primeiro encontro com o diretor-geral do FMI, Jacques de Larosière.

Semana passada o Ministério do Planejamento concluiu os cenários que Sayad vai exibir na Câmara. Apenas na hipótese mais otimista o país não necessitaria de **dinheiro novo** em 1986, mas mesmo nesta risosa perspectiva o país necessitaria de 300 milhões de dólares em 1987 e pelo menos 1,4 bilhão de dólares em 1989.

Para construir os cenários o Ministério alinhou as contas básicas do balanço de pagamentos como taxas de juros internacionais, que determinam o serviço (juros) pago pelo país a seus credores, o crescimento do comércio internacional, com influência decisiva sobre saldos comerciais e reservas cambiais. Na hipótese considerada realista pela equipe do Ministro Sayad o Brasil vai precisar de **dinheiro novo** de forma crescente. Estas necessidades chegam a 4,9 bilhões de dólares em 89.

Na hipótese otimista, na qual as taxas de juros internacionais apresentam tendência constante de queda até o final dessa década, o Brasil obterá entre 1986 e 1989 um saldo comercial médio de 14 bilhões de dólares, com as exportações apresentando um crescimento anual de 8%. Neste cenário, o país iria buscar novos empréstimos compulsórios junto aos bancos internacionais, no total de apenas 1,4 bilhão de dólares e somente em 1989. De 1986 a 1988, o superávit comercial portanto, seria suficiente para financiar o déficit do balanço de pagamentos.

A dificuldade

O documento do Ministério do Planejamento, ao traçar esses cenários para o setor externo brasileiro, a fim de avaliar se haverá necessidade de solicitar aos bancos mais recursos nos próximos anos, não entra em detalhes a respeito de qual seria a reação do mercado internacional ao pedido brasileiro de novos empréstimos para fechar o balanço de pagamentos e financiar o crescimento econômico do país.

Em 1985, o Brasil excluiu a hipótese de novos recursos externos, pois as projeções demonstram que o país está em condições de financiar o déficit do balanço sem recorrer a bancos estrangeiros. Com o superávit comercial estimado em mais 11 bilhões de dólares, o país não só fecha suas contas com o exterior como chega ainda a apressar um superávit de cerca de 300 milhões de dólares, reforçando as reservas cambiais.

Mas não foram só as projeções otimistas que levaram o Brasil a não "pensar" este ano em dinheiro novo. Como acentuou várias vezes o ex-Ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, os banqueiros não

concederiam mais crédito a um país que está com mais de 8 bilhões de dólares em reservas cambiais e se mostra capaz de solucionar seu desequilíbrio no balanço de pagamentos sem ajuda externa. Os banqueiros, costuma dizer Simonsen, não são bonzinhos ao ponto de conceder dinheiro a um país que não está necessitando, só para que o país possa crescer mais ou acumular mais reservas.

Quanto a 1986, essa dificuldade está longe de ser contornada, até porque persistem divergências dentro do próprio governo brasileiro.

A polêmica

O próprio Secretário Especial de Assuntos Econômicos do Ministério do Planejamento, Paulo Nogueira Baptista, admite que a questão de se buscar ou não **dinheiro novo** no mercado internacional vem sendo muito debatida nos bastidores do Governo e tem provocado polêmica.

Enquanto o Ministro Sayad e sua equipe de técnicos defendem a obtenção de dinheiro novo, no curto prazo, o Assessor Especial da Presidência da República para Assuntos Econômicos, Luís Paulo Rosenberg, considera precipitada tal opção já nas negociações com os banqueiros internacionais, referentes a 1986. Logo, mesmo entre os negociadores brasileiros não há consenso. E foi por isso que a Seplan realizou o estudo, a fim de demonstrar que provavelmente haverá a necessidade de novos recursos, a não ser que os acontecimentos no exterior sejam muito favoráveis ao Brasil.

No cenário mais otimista a taxa de juros está calculada em 11,3% (Libor mais **spread**) ao longo de 1986, devendo se reduzir a 10,2% em 1989. Nesta alternativa, o saldo comercial é de 14 bilhões de dólares e o comércio internacional, em 1986, crescerá 2,5%, e 3,7% ao ano, no período de 1987 a 1989.

Aqui não haveria necessidade de **dinheiro novo** de médio e longo prazos junto a fontes bancárias internacionais, a não ser um "resíduo de 1 bilhão e 400 milhões de dólares em 1989". A dívida externa líquida cairia em 8%, em termos nominais, e 23%, em termos reais, no período 1986/89. Com isso, em 1986, a dívida externa líquida do Brasil chegaria a 94 bilhões e 200 milhões de dólares, caindo a 86 bilhões de dólares em 1989.

Por último, a Seplan alinha uma hipótese pessimista tomando por base taxas de juros internacionais mais elevadas. Em 1986 a taxa de juros seria de 13,3%, em 1987, de 12,6%, até chegar a 12,2% em 1989. A taxa de crescimento real do comércio mundial é de apenas 0,5% em 1986, subindo para 1,7% entre 1987 e 1989.

Nesta situação, o saldo comercial passa a 12 bilhões de dólares, na média, com as exportações crescendo a 6% ao ano e as importações 9% ao ano. O trabalho do Ministério do Planejamento conclui dizendo que, na realidade, "as incertezas quanto à evolução futura das economias industrializadas recomenda uma postura cautelosa, de precaução em relação a possíveis cenários desfavoráveis na economia mundial".

Alerta o estudo que, considerações quanto à conveniência ou não de se solicitar **dinheiro novo** dos bancos, em futuro próximo, devem ter em mente estas indefinições do cenário da economia mundial.

